

TERRITÓRIO, EXPRESSÕES LINGUÍSTICAS: ATRAVESSAMENTOS NO USO DE VARIEDADES LOCAIS DO PORTUGUÊS NO TEXTO LITERÁRIO BRASILEIRO E ANGOLANO

Noemy Oliveira Santos¹

RESUMO

O processo de colonização vivido por países como Brasil e Angola tem como efeito a desvalorização e o deslocamento da realidade linguística social nos ambientes escolares ainda hoje. Esse é um reflexo do apagamento das culturas e dos falares locais. Trabalho a noção de território (Souza, 1995 apud Albagli, 2004), que em sua dimensão sociopolítica se refere “ao meio em que as interações sociais se relacionam com dominação e poder”. Conectada à ideia de Bourdieu (2008), de que as políticas linguísticas perpetuam o poder dominante. Analisamos textos literários com o objetivo de comparar o processo de incorporação das línguas e modos de falar locais em textos para valorização das formas de falar cotidianas como costumes socioculturais relacionados à língua portuguesa. Neste recorte, destacamos textos do escritor paraense Preto Michel e do escritor angolano João Adolfo (Mankiko), observando os modos de falares locais presentes nos textos. Este movimento é comum na literatura marginal e engajada, como forma de valorização e perpetuação dos atravessamentos culturais e linguísticos dessas literaturas. Inicialmente, os resultados apontam à catalogação de modos de fala comuns a comunidades de fala específicas e expressões em línguas nacionais angolanas. Essa análise amplia as discussões sobre a valorização dessas expressões linguísticas essenciais para o senso de identidade e pertencimento dos sujeitos na escola e contribui para pensar nas formas de trabalhar literatura em sala de aula, considerando a fala cotidiana do aluno sem deixar de lado a norma culta da Língua Portuguesa.

Palavras-chave: Variação Linguística, Literatura Angolana, Literatura Marginal, Políticas Linguísticas.

Ovindele visonehã olondaka v'amikanda; etu tuvisonehela v'olukolo.²
(Umbundu – Valente, 1964b:101)

INTRODUÇÃO

Este trabalho pretende discutir a forma como a língua portuguesa é ensinada a partir de uma perspectiva colonial, tanto no Brasil como em Angola. Para essa discussão, faço um panorama geral das políticas linguísticas adotadas pelos dois países ao longo do tempo e que conservam em seu interior uma lente colonial. Como consequência disso, há um ensino de língua portuguesa que prefere a norma culta, colocando em segundo plano como inferiores os saberes cotidianos dos alunos. Uma forma de perpetuar a violência instaurada no período colonial, e como as colônias de Portugal, Brasil e Angola têm algo em comum quando falamos de políticas linguísticas.

¹ Graduanda do curso de Letras – Língua Portuguesa da Universidade Federal do Pará – UFPA, noemy.olivs@gmail.com.

² Os brancos escrevem nos livros; nós escrevemos no peito (Mingas 2005).



Paralelamente, apresento sobre a literatura nos dois países e os movimentos que ocasionaram as condições de produção das obras analisadas aqui. Trabalho com o romance angolano intitulado *O beijo roubado* (2021) do escritor Mankiko. Este escritor define o romance como literatura engajada, que preza por refletir as questões políticas a partir da narrativa e das relações dos personagens entre si. A obra brasileira que compõe o corpus deste trabalho se intitula *Não estamos sós* (2024) do escritor paraense Preto Michel. Ele define sua literatura como marginal. Segundo Nascimento (2006, p. 34) os assuntos comuns da literatura marginal são o dia a dia nas periferias pautado numa “ideia comum sobre o espaço social da periferia”.

A análise dos textos busca identificar como as narrativas literárias incorporam traços culturais e linguísticos, observando os efeitos de sentido provocados por essas marcas. A comparação entre obras de diferentes continentes parte da noção de território como elemento central na construção da identidade dos personagens e nas escolhas linguísticas dos autores. A presença dos falares cotidianos é interpretada como expressão de uma relação política entre sujeito e espaço, refletida na vivência dos personagens. Tais relações revelam conflitos linguísticos presentes em segmentos específicos da sociedade, os quais este estudo pretende evidenciar.

Nesse contexto, defende-se a relevância de utilizar essas obras em sala de aula como forma de promover discussões sobre variações linguísticas e o papel das línguas nacionais na literatura. Ao valorizar a dimensão cultural da língua, aproxima-se o conteúdo escolar da realidade linguística dos alunos, favorecendo a compreensão e o desenvolvimento de competências linguísticas.

Considera-se, ainda, que o português presente nessas obras — que abordam política, pertencimento e território — reflete práticas linguísticas e sociais que ocorrem fora dos ambientes institucionais. As análises indicam uma valorização dessas práticas no texto literário, ao mesmo tempo em que revelam tensões em torno dos juízos de valor atribuídos a elas. A presença de usos populares da língua assume, portanto, um papel identitário, contribuindo para o debate sociolinguístico no contexto educacional e acadêmico.

POLÍTICAS LINGUÍSTICAS NO BRASIL E EM ANGOLA: UM PANORAMA

No Brasil, a colonização deixou marcas que podem ser percebidas nas políticas linguísticas. A língua que um povo fala tem um elemento cultural e de percepção da vida. Para consolidar o poder colonizador, Portugal proibiu o uso das mais de mil línguas dos povos nativos que já viviam em nossas terras, e com o tempo, estabeleceu o português



como língua oficial desse território, ocasionando o apagamento e a perda cultural de muitas das línguas nativas brasileiras. Assim, como afirma Freire (2011, p. 39) quando diz que “a supremacia do português no Brasil foi o resultado de um processo longo e conflituoso, que se desenvolveu durante todo o período colonial, de forma desigual nas diferentes regiões do país”.

O ambiente multilíngue promovido pela presença dos povos originários, pelo comércio e pela política do embranquecimento, no período pós escravidão, facilitou para que houvessem grandes variações linguísticas em todo o território nacional. Isso por sua vez pode ser a explicação dos diversos falares cotidianos encontrados nas diferentes regiões do Brasil e da diferença entre o Português Brasileiro e o Português Europeu, ou falado em outros países que têm o Português como sua língua oficial. Entretanto, essas variações linguísticas e as comunidades de fala que as utilizam, ainda não encontraram espaço dentro de ambientes institucionais que prezam pelo “português correto” e reforçam a ideia de que o brasileiro “não sabe falar português”. Essa perspectiva estereotipada é o lugar comum em muitas salas de aula brasileiras. O objetivo é padronizar a fala e a escrita para o mais próximo possível da língua culta. Isso provoca um apagamento cultural e identitário, uma vez que não há espaço para as diversas variações e mudanças que ocorrem na língua portuguesa com o passar do tempo.

Em Angola, não é muito diferente, tudo o que foge do padrão linguístico da norma culta adotada pelo país é visto como inferior em relação à língua, assim como a presença e interferência das línguas nacionais é tida como marca de inferioridade. Isso é resultado das políticas linguísticas adotadas durante e depois da colonização.

A repressão organizada à utilização, pelos Angolanos, das línguas locais durante o período colonial, gerou uma reacção, velada, de aceitação da política linguística portuguesa, e consequentemente a diminuição do número de Angolanos que usavam as suas línguas maternas para comunicar com os seus descendentes. Como resultado, foram criadas, à língua portuguesa, condições ideais para usufruir do estatuto, de facto, de língua de prestígio, e detrimento das nacionais e de melhor ganhar o espaço deixado vazio pelas mesmas. Assim, um número cada vez mais crescente de Angolanos passou a tê-la como materna (Mingas, 2005, p. 4).

Durante o período de colonização, em Angola, os portugueses proibiram o uso das línguas nacionais em ambientes institucionais para terem acesso a ambientes como escolas, bibliotecas, repartições governamentais, era necessário que os angolanos aprendessem a falar português. Entretanto, em casa com a família e a comunidade, as línguas nacionais continuaram sendo utilizadas como principal meio de comunicação e como forma de resistência à dominação portuguesa. Isso resultou em um ambiente



multilíngue que fez com que a Língua Portuguesa entrasse em contato com as nacionais angolanas.

Após a independência do país, em 11 de novembro de 1975, o recém governo Angolano decidiu que o Português seria a língua oficial do país para evitar os conflitos entre etnias. Isso resultou no ensino do Português ser mantido nas escolas e nos documentos oficiais do país. E houve uma busca de identidade e união nacional por meio do uso do Português apesar do ambiente multilíngue. O efeito disso é que as línguas nacionais têm cada vez menos falantes e há um esforço de registo para que essas línguas não se percam como aconteceu com muitas das línguas nativas do Brasil.

LITERATURA MARGINAL E LITERATURA ENGAJADA

Narrativas são afirmadas e criadas como ferramenta ideológica há tempos. O poder da literatura está em articular essas narrativas em um mundo ficcional como uma forma de (re)pensar a realidade. No Brasil, temos o movimento chamado literatura marginal, que se concentra na relação entre pessoas no espaço da periferia, e tem como característica o tom de denúncia próprio de artistas e escritores que se expressam da margem, mas também a constituição de personagens, e as relações estabelecidas com o espaço, o território e através da língua.

Nascimento (2006, p. 34) descreve e discute o movimento que ocasionou a produção da literatura marginal brasileira contemporânea a partir de um recorte de escritores que têm ligação com movimentos sociais e trabalham o caráter pedagógico da literatura em espaços onde a educação é mais precarizada, como a favela. Estes escritores iniciam a divulgação de seu trabalho literário de maneira independente, por meio da autopublicação, e abordam temas como

A relação entre personagem e espaço nas narrativas da literatura marginal evidencia os efeitos do colonialismo, especialmente nos recortes de classe, raça e gênero presentes nas histórias ambientadas na periferia. Os conflitos vivenciados nesses territórios funcionam como elementos estruturantes da narrativa, evocando memória e identidade coletiva. As escolhas linguísticas dos autores refletem intencionalmente os espaços que retratam, revelando posicionamentos sociais e tensionando as políticas linguísticas dominantes.

A narrativa do conto brasileiro *Firmina* trata de uma mulher feirante, moradora de um dos bairros periféricos de Belém do Pará, muito querida pela comunidade, mãe solo, que luta para prover o básico para os de sua casa. Com uma linguagem coloquial muito presente, o conto conversa diretamente com o conceito de literatura marginal. Pois a



forma como nos expressamos linguisticamente também reflete o território ou o espaço que ocupamos socialmente. Como veremos nas análises.

Agora, faço um contraste com a chamada literatura engajada. Um movimento literário de países africanos de língua portuguesa que se refere também às narrativas que denunciam problemas sociais a partir das relações sócio-históricas dos personagens. Além disso, uma das características que as literaturas pós-coloniais africanas têm em comum é o “enfoque especial aos aspectos políticos da África no período pós-colonial” (Oliveira, Campos, Oliveira, Scariote, Matos, 2018, p. 60).

Em Angola, especificamente, o período pós-colonial trouxe a necessidade de afirmação da identidade nacional. Dentre o conjunto de expressões artísticas que demarcam um povo culturalmente, a literatura tem um papel importante de (re)afirmar essa identidade cultural por meio das narrativas que refletem politicamente e ideologicamente algum momento sócio-histórico do país. Mas essas narrativas não deixaram de sofrer efeitos da colonização. Visto que, segundo Chaves (2005, p. 52) houveram muitas rupturas quando o país foi colonizado, e apontada como mais séria foi o “afastamento entre o colonizado e a sua língua de origem.” que causou um silenciamento e o risco de “morte de toda e qualquer forma cultural.” Assim, o autor continua explicitando que se adotou a língua do colonizador, mas não de maneira passiva:

E a resistência aí se vai mostrar na insubmissão à gramática da ordem. No campo semântico, lexical e até sintático, registram-se construções que procuram aproximar a língua poética da fala popular. Essa mesclagem confirma a direção da travessia: um encontro com aqueles grupos até então mantidos à margem (Chaves, 2005, p. 52).

A presença destes desvios da norma no uso do Português é vista como negativa em ambientes acadêmicos e institucionais se usada pelos alunos ou mesmo pelo professor num momento pedagógico, mas naquele momento de pós-colonização os escritores angolanos viam “na ‘deformação’ linguística mediada pela presença das línguas de seus antepassados, portanto, também se vislumbra a ponta de um tempo anterior a cortar o presente hostil (Chaves, 2005, p. 53).”

Na literatura angolana engajada, aspectos linguísticos desempenham papel central na construção narrativa. No romance *O beijo roubado*, de Mankiko, observa-se a abordagem dos usos da língua portuguesa pelos personagens, além de temas considerados tabus na sociedade angolana, como o albinismo e o uso do Ngoia — variante do Umbundu



falada na região rural da Gabela, no sul de Angola. Ambientado em 1970, ano da independência do país, o romance adquire caráter histórico e político ao retratar os conflitos vividos durante a transição de Angola de colônia portuguesa a nação independente.

LÍNGUA, TERRITÓRIO E PODER – INTERRELAÇÕES

A noção de território tem a ver com o poder, ela se refere a quem domina e a quem é dominado em um determinado espaço, seja ele geográfico ou subjetivo. Por exemplo, para dominar as terras brasileiras, os portugueses estabeleceram a língua portuguesa como padrão linguístico, ignorando as línguas indígenas que já existiam aqui. Isso provoca um deslocamento identitário, uma vez que o falante é forçado a se comunicar em uma língua que não é a materna, ou seja, uma língua que não provoca o sentimento de pertencimento.

Todo poder/saber tem e persegue um objetivo, ele é parcial. Um exemplo que corrobora é o que se deu no período de nossa colonização com a imposição do Português aos colonizados. Certamente o que ali se impôs, não foi a língua falada nas ruas, nem de aventureiros que se alçavam ao mar, mas a Variação Linguística da corte. O Brasil, naquela época, possuía em seu território diversas línguas indígenas, e certamente suas variações, inclusive a presença da chamada Língua Geral (Nheengatu) e até uma gramática e dicionário da Língua Tupi, elaborada pelos Jesuítas (Silva, Albuquerque e Almeida, 2020, p. 329).

O poder que se impõe a um povo no violento processo de colonização é tanto objetivo, por meio da apropriação de um espaço geográfico, quanto subjetivo por meio de uma reelaboração da identidade daquele povo. Há uma tentativa de dissolução da identidade coletiva a partir da supressão cultural e econômica e imposição linguística e ideológica. Bourdieu (2008, p. 36) aponta para a forma como este poder institui a maneira de pensar que o reforça por meio da língua para manter seu território, a política dominante, ao obrigar o falante a se expressar na norma culta, transforma os ambientes instrucionais em instrumentos de sua dominação. Por exemplo, a escola serve para ensinar apenas a língua ou norma que a ideologia dominante define sendo a certa para aquela sociedade e rechaça tudo que for diferente a isso, incluindo variações linguísticas ou sistemas linguísticos inteiros.:

Isso explica o comportamento de supervalorização das normas cultas nas escolas e espaços acadêmicos do Brasil e de Angola. Essa também é uma forma de dominar o território, visto que quando o colonizador (ou as pessoas que detêm o poder de determinado território) impõe um padrão linguístico, seu poder é reforçado. E quanto mais pessoas valorizam esse padrão no território ou nos espaços ocupados por essa sociedade, este poder que se instaura no espaço físico do país passa a ser reforçado,



mantido, por uma dimensão ideológica, ligada à maneira de pensar intrínseca à língua, que molda a identidade dos sujeitos dominados pelo colonizador.

A territorialidade envolve dimensões culturais profundamente ligadas à língua, e que os saberes de comunidades dominadas historicamente foram inferiorizados no processo colonial. A literatura, enquanto expressão artística, emerge como espaço de resistência e resgate dessas culturas reprimidas. As obras analisadas demonstram que é possível enfrentar os efeitos da colonização por meio de narrativas que valorizam o português cotidiano vinculado ao território, tanto no Brasil quanto em Angola, reafirmando identidades e promovendo a diversidade linguística.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Não estamos sós – Preto Michel

O escritor Preto Michel trabalha com autopublicação por meio do selo Letras Periféricas. Assim, a coletânea *Não estamos sós* foi publicada em 2024 através do selo de maneira independente pelo escritor. Essa coletânea tem contos protagonizados por mulheres e relata o cotidiano delas nas periferias da região metropolitana da capital do estado do Pará, Belém. Dessa forma, a linguagem coloquial, expressões que dão o tom de oralidade para o texto, são comuns nessas narrativas e compõe a psiquê dos personagens, os caracterizando também pela linguagem como pertencentes a margem de certos espaços, o que demarca seu território e caracteriza esse trabalho literário como literatura marginal. Para compor o corpus desta pesquisa trabalho com o conto *Firmina* presente na coletânea.

O beijo roubado – Mankiko, o gabelense

O romance *O beijo roubado*, do escritor angolano Mankiko, foi publicado de forma independente no Brasil em 2021, por meio do projeto de extensão Mão & Obra da Universidade Federal do Pará (UFPA), e posteriormente em Angola pelo próprio autor. A obra se desenvolve em torno de personagens inseridos em um território específico: a Gabela, no sul de Angola, durante a década de 1970. Esse recorte espacial e temporal foi um dos critérios para sua inclusão no corpus deste estudo, por permitir observar como a narrativa constrói sentidos a partir da relação entre os personagens, o espaço e a linguagem.



As análises consideram que os usos linguísticos presentes no texto refletem aspectos culturais vinculados ao tempo e ao território de uma comunidade de fala. Em Angola, o ambiente é multilíngue, e o português convive com diversas línguas nacionais. No caso da Gabela, destaca-se o uso do Ngoia, uma variante do Umbundu. Além das variações resultantes do contato entre o português e o Umbundu, há também registros de variações internas à própria língua nacional. Embora este estudo não se aprofunde nessa questão específica, seu registro é relevante para futuras investigações sobre a diversidade linguística angolana. A partir de agora, passo a leitura de trechos das duas obras literárias observando primeiro a relação entre narrador e personagem, para registrar os usos linguísticos. Em seguida, refletindo sobre os efeitos de sentido presentes nessa relação nas duas obras, apontando convergências e divergências, caso haja.

Relação Narrador – Personagem em “Firmina” de Preto Michel

O narrador e o personagem têm relação direta, uma vez que o narrador dita o foco narrativo a partir do qual o universo fictício será apresentado ao leitor, aqui a proposta é uma observação à linguagem do narrador, que também é personagem no conto de Preto Michel, em relação à linguagem dos outros personagens da história.

Eu não estava acreditando, depois de cinco anos, e em um dia especial como hoje, essa assombração aparece na minha vida.

– Ei Firmina, **o que está pegando aqui?** Esse homem está te incomodando?

– Ei cara, não te mete! A conversa é entre eu e a minha mulher.

– Que tua mulher, seu ssafado? Sim, ele tá me incomodando!

– **Bora seu covarde, pode rasgar... Rasga... Rasga!!!** E se eu souber que tu andas perturbando minha amiga vou atrás de ti até no inferno...

– Muito obrigada, Junior, acho que ele não vai mais me perturbar.

– Tudo bem, nega, sabes que aqui a gente não admite covardia com **mulher da comunidade**, e você é muito especial para nós e mais uma vez parabéns, eu soube da sua vitória.

Dado 1. Fonte: Michel, 2024, p. 23

No dado 1, é possível perceber a diferença nos usos linguísticos entre o narrador e os outros personagens. Neste dado temos três personagens conversando, inclusive Firmina, que narra a história. No início do trecho, há um parágrafo curto que segue sem nenhuma aparição do dialeto cotidiano ou de variações linguísticas, com períodos muito próximos da norma culta. Durante as falas dos personagens, no entanto, é possível observar trechos como a pergunta “o que está pegando aqui?” e “Bora seu covarde, pode rasgar... Rasga... Rasga!!!” O uso dessas expressões é resultado dos atravessamentos do Português cotidiano, mais comum no uso oral da língua, e que demonstra uma forte caracterização desses personagens como parte do ambiente mais coloquial.



Aqui pretendo também destacar marcas de oralidade representadas na escrita pelo uso excessivo de exclamação, como um modo de registrar ortograficamente um tom de voz mais alto, como gritos do verbo “rasgar” no modo imperativo, significando que o falante está dando ordens para que o outro vá embora, modo de falar usado coloquialmente em várias regiões do Brasil, em cidades como Belém do Pará e Rio de Janeiro, por exemplo.

Cheguei na casa da minha mãe, nervosa e chorei muito no quarto dela, não quis mostrar para meus filhos que estava chorando, contei o que tinha acontecido e tentei me acalmar, depois fui descansar e relaxar, hoje é sábado, mesmo com um misto de sentimentos não posso esquecer que às 17 horas tenho que ir na Narcisa para dar um banho de beleza para o dia mais feliz da minha vida, que será amanhã. Dia em que vou receber a chave da minha casa própria.

Dado 3. Fonte: Michel, 2024, p. 23-24

No dado 3, faço uma possível leitura de um narrador que se expressa linguisticamente de maneira muito próxima da norma culta, mesmo que haja alguns desvios ortográficos como o uso excessivo de vírgulas. Inclusive, é válido ressaltar que este uso excessivo de vírgulas é uma aproximação à norma padrão, e a presença no texto pode ser resultado da autopublicação independente.

Após a descrição dos fenômenos linguísticos, a análise se volta aos efeitos de sentido e aos aspectos discursivos do conto *Firmina*. Evidencio a escolha do nome da personagem principal, que também intitula a obra, como possível referência à escritora Maria Firmina dos Reis, evocando uma memória discursiva que conecta o texto à tradição literária negro-brasileira. Outro ponto relevante é a variação na linguagem do narrador, que alterna entre o português padrão e registros mais coloquiais, especialmente nos diálogos. Essa oscilação revela uma estratégia narrativa em que o narrador mantém certa formalidade, enquanto os personagens expressam maior liberdade linguística, refletindo a diversidade de usos da língua na construção da obra.

Pensando na discussão sobre território e identidade, as demarcações de lugar permeiam todos os dados destacados. No dado “a gente não admite covardia com mulher da comunidade”. O uso do português cotidiano demonstra que há uma intencionalidade que pode ser demonstrada pela utilização da linguagem para indicar o lugar destes personagens e deste universo narrativo. A presença destes usos linguísticos reafirma a periferia como lugar de referência para os textos e os personagens, e pode ser um elemento de identificação com um possível leitor que pertence a esse universo fora do mundo narrativo representado no conto.

Passamos agora para trechos do romance *O beijo roubado* do escritor angolano Mankiko. Como parte de um padrão de escrita, temos personagens que marcam bastante



a oralidade e a forma de expressão do português angolano, enquanto o narrador se utiliza de formas linguísticas que remetem à variante de prestígio, como evidenciado ver a seguir:

NARRADOR

Como se não bastasse, uma chusma de petizes ao tal **ecuménico cenário** se juntava, convidados, não só pelo **opróbrio extravagante** dos casais, mas, igualmente pela displicência com que o **espectro luminoso** dos astros nocturnos os seduzia, ao iluminarem o véu de nuvens que escudava os jovens casais, impelindo a criança a reflectir em torno dos privilégios que juventude lhes restava. Isto fazia-lhes nutrir uma **paixão platônica** pelos astros nocturnos, remetendo-os em debates difíceis de terminarem:

Dado 4. Fonte: Mankiko, 2021, p. 27

PERSONAGEM

– Ser piloto deve ser fixe, mas, eu prefiro ser Pastor para pregar o evangelho...
 – Apwé! Apwé! Apwé Mas vocês já é que sabem escolher profissão yá! Assim é quê que está vis cofundir? Não viram outras coisas p’ra escolher? Porquê que não fazem como eu, que vou ser **mbora prussor** que cuia mais melhor?
 – Ah! Ah! Ah! Ainda escutam o gajo do Kanguarí como fala à toa! Quem disse que ser professor já, é que cuia de tudo?

Dado 5. Fonte: Mankiko, 2021, p. 31

No dado 4, há uma linguagem mais formal, com o uso de adjetivos menos aparentes no falar cotidiano. As expressões em negrito como “ecuménico cenário”, “opróbrio extravagante”, “espectro lustroso” e “paixão platônica” são características próprias de uma linguagem padronizada e culta. Visto que a adjetivação utilizada cotidianamente aparece de outra forma, como é possível observar no dado 5 quando o personagem diz que “ser piloto deve ser fixe” utilizando uma palavra própria do português cotidiano para dar valor positivo à profissão de ser piloto. Esse contraste é evidente também quando comparamos a utilização dos adjetivos com os termos “yá” e “mbora”, que são próprios do português angolano. Também é interessante notar o desvio presente na redução da palavra professor para “prussor”.

Nesta descrição, existem diferenças entre narrador e personagens de maneira mais marcante do que no texto do escritor brasileiro. Parece-me um gesto de afastamento, em que o narrador se constitui como uma espécie de mediador entre o leitor e o universo narrado, utilizando a norma culta. Isso demonstra que esta literatura, embora esteja olhando para as línguas nacionais e incorporando em seus personagens os atravessamentos destas no Português cotidiano, faz isso de um lugar diferente. Sob uma perspectiva positiva podemos dizer que é uma literatura que busca promover este encontro entre o que é dito padrão e o que é dito desvio.



Seu perfil acadêmico correspondia à uma 2ª Classes à martelos, o que o tomava mais em papagaio, que propriamente humano falante da nobre língua de Camões. Entretanto, seu ambíguo parecer era nódoa suficientemente capital para tirar a razão a quem quer que fosse, sobretudo, **numa comunidade remota como a deles** onde os valores seculares ainda intactos, fazia-lhes vezes sem conta confundir idade com idoneidade.

Dado 6. Fonte: Mankiko, 2021, p. 46

Em relação ao espaço como articulador de sentidos, adicionamos o dado 6. Neste trecho temos uma descrição de um personagem idoso que corrige crianças sobre o feminino de cachorro. As crianças insistem que é “cadela” e o idoso insiste que é “cão mulher”. Aqui se inicia uma discussão sobre a língua portuguesa e como ela deve ou não ser falada. Para explicar a relevância do ponto de vista do personagem, o narrador faz a descrição acima disposta. Em negrito temos a frase “numa comunidade remota como a deles”, que, levando em conta o contexto, é um mobilizador de sentidos para a crença popular da comunidade retratada no livro. Todos confiavam no que o idoso falava por conta da sua idade, levando em conta a tradição angolana de respeitar os mais velhos.

Aqui é possível resgatar o conceito de território como relação de poder e lugar simbólico de identidade e sua relação com a língua falada por essa comunidade. No que crianças consultam um morador da comunidade respeitado sobre questões linguísticas; outro fato interessante nas reflexões sobre a língua propostas pelo texto literário é o Português ser descrito como “nobre língua de Camões”, nesta afirmação temos uma valorização, por parte do narrador, ao Português Europeu, refletindo a cultura imposta pelo colonizador por meio da língua. Colocando o texto literário entre a tradição angolana e a cultura do colonizador, o que reflete o conflito identitário presente no território, resultado do passado de colonização.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho buscou refletir sobre os efeitos da colonização nas políticas linguísticas e nas práticas de ensino da língua portuguesa no Brasil e em Angola, evidenciando como a norma culta é privilegiada em detrimento das variações linguísticas cotidianas. A análise dos textos literários permitiu observar como a linguagem utilizada pelos personagens está diretamente relacionada ao território e à identidade dos sujeitos, revelando conflitos e tensões que atravessam o uso da língua em contextos não institucionais.

A presença de traços linguísticos locais nas obras analisadas demonstra a importância de reconhecer e valorizar os falares cotidianos como expressão legítima de



pertencimento e resistência. Ao incorporar essas produções literárias no ambiente escolar, abre-se espaço para discutir a diversidade linguística e cultural, promovendo uma educação mais inclusiva e sensível às realidades dos alunos.

Além disso, as obras demonstram que o português falado fora dos espaços normativos é atravessado por línguas nacionais e por variações que carregam marcas históricas e sociais. Reconhecer essas marcas é fundamental para compreender os processos de construção identitária e para ampliar o debate sobre o papel da língua na formação de sujeitos críticos e conscientes.

Assim, este estudo contribui para o campo da sociolinguística ao propor uma abordagem que valoriza a multiplicidade de usos da língua portuguesa, destacando a relevância de práticas pedagógicas que respeitem e incorporem essa diversidade no processo de ensino e aprendizagem.

REFERÊNCIAS

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas linguísticas**: o que falar quer dizer. 2. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

CHAVES, Rita. **Angola e Moçambique**: experiência colonial e territórios literários. São Paulo: Ateliê Editorial, 2005.

LUCCHESI, Dante. **A diferenciação da língua portuguesa no Brasil e o contato entre línguas**. Estudos de Lingüística Galega. Universidade de Santiago de Compostela. España. vol. 4, julho, 2012, pp. 45-64.

MINGAS, Amélia Arlete. **Angola**: línguas nacionais e identidade cultural. Universidade Agostinho Neto/ISCED-Luanda, 2005.

MINGAS, Amélia Arlete. **Línguas e culturas em Angola**. Bahia, 2012.

NASCIMENTO, Érica Peçanha do. **“Literatura Marginal”**: Os escritores da periferia entram em cena. Dissertação de mestrado. Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. USP, 2006.

OLIVEIRA, Adilson Vagner de; CAMPOS, Luana Gabriely de Almeida; OLIVEIRA, Andreлина de; SCARIOTE, Juliana Dias; MATOS, Lorrayne Pareci de. A literatura engajada no contexto pós-colonial africano. In: OLIVEIRA, Adilson Vagner de. (Org.). **Literaturas Africanas**: História, Política e Sociedade. Tragará da Serra-MT: IFMT, 2018. p. 59-82.

SILVA, Antônio Themístocles Barbosa da; ALBUQUERQUE, Francisco Edviges; ALMEIDA, Severina Alves de. **Variações Linguísticas**: poder, território, territorialidade e identidade. Humanidades e Inovações, Tocantins, v. 3, n. 7, p. 325-333, 20 fev. 2020. Bimestral.

